

⓪ Progresso Catholico

APPROVAÇÕES E INDULGENCIAS

VINTE E CINCO POR CENTO!

PORTARIA DE SUA EXC.ª REV.ª OSNR. ARCEBISPO DE BRAGA
PRIMAZ DAS HESPAÑHAS
APPROVANDO, RECOMMENDANDO E INDULGENCIANDO
ESTA OBRA

TENDO Nós mandado examinar o interessante livrinho intitulado «Vinte e cinco por cento!» — editado em Guimarães pelo benemerito Director do Centro de Propaganda Catholica em Portugal — Teixeira de Freitas, no qual se não encontra erro algum contra a fé e os costumes; considerando que da sua difusão e leitura advirá grande vantagem para o Catholicismo, visto que n'elle se refutam singela, mas triumphantemente. d'um modo accomodada a todas as intelligencias, alguns dos erros que os protestantes não cessam de propalar e afincadamente procuram por todos os meios difundir entre os mesmos catholicos; Havemos por bem não só approvar aquelle livrinho e recommendar a todos os nossos subditos a sua leitura; mas conceder quarenta dias de Indulencias a cada um que attentamente o ler ou ouvir ler, e ainda aquelles que concorrerem para a sua maior difusão, podendo esta Nossa Portaria ser impressa e publicada para conhecimento de todos.

Paço Archiepiscopal de Braga, aos 28 de Setembro de 1886.

Antonio, Arcebispo Primaz.

CARTA ⁽¹⁾
DOS BISPOS DE PORTUGAL
A
LEÃO XIII
SUMMO PONTIFICE



BEATISSIMO PADRE

Não podiam os Bispos de Portugal deixar de sentir grande alvoroço de alegria apenas souberam que a gravissima e ao mesmo tempo difficil controversia do Padroado da India, que dava ha muito tempo motivo e occasião a uma não pequena dissensão entre a Santa Sé e Portugal, acabou finalmente de commum accordo e com reciproca satisfação.

Esta alegria alvoroçou tambem os corações de todos os habitantes do Reino; e a Vós de certo, Beatissimo Padre, deve-se ella attribuir; a Vós certamente que pela Vossa superiormente esclarecida sabedoria exercestes para conosco essa pacifica missão, que por disposição da divina Providencia parece ser particularmente propria do Vosso Pontificado, farto já de tantos e tão grandiosos feitos; pois em difficillimos lances achastes modo opportuno de satisfazer aos desejos d'esta catholica nação, tão ciosa dos fastos de suas passadas glorias, e ao mesmo tempo de prover largamente aos supremos negocios da Igreja catholica, e ao maior augmento da Religião entre os povos da India.

Milhares e milhares de vezes pois, Beatissimo Padre, será o Vosso Nome abemdiçoado não somente na India, que sentiu directamente os salutaes effeitos da nova convenção, mas tambem n'este reino de Portugal, que com direito se ufana de terem sido commemoradas e novamente provadas e apre-goadas as façanhas illustres de seus filhos a favor da religião n'aquellas remotas paragens, e porque d'esta Vossa paternal e grandiosa liberalidade recebe novo incitamento para se estreitar cada vez mais á Sacrosanta Cadeira de Pedro, e para se esforçar com todas as suas potencias e dedicação, a fim de não desmerecer os beneficios e as benções do Summo Pastor da Igreja. Oxalá portanto que todos os filhos d'este catholico reino, e principalmente aquelles que mais de perto são chamados a dirigir os seus destinos, oxalá que sinceramente reconheçam, que somente voltando quanto poderem ás tradições catholicas que tanta gloria nos grangearam outr'ora, segundo o comportarem as actuaes circumstancias das cousas e dos tempos, poderão recuperar o antigo esplendor e decoro, ou ao menos reparar os males a que a propria sociedade civil juntamente com a Igreja ficou exposta.

Assim faça Deus que tal seja o fructo d'esta convenção! No entretanto, Beatissimo Padre, os Bispos de Portugal ao passo que com animo sincero prometttem empregar todo o seu empenho e todas suas forças para se conseguir este fim, tambem rendem por dever a Vossa Santidade os mais respeitosos e rasgados agradecimentos por a especial e verdadeiramente paternal benevolencia que usou para com a sua amada patria. Praza a Deus, que ella possa adquirir sempre cada vez mais novos merecimentos para tal e tão grande benevolencia!

Dignae-Vos, Beatissimo Padre, derramar sobre ella as Vossas Benções, para que todos os fieis confiados á nossa solitudine, se confirmem no santo conselho de seguir as nobres tradições catholicas dos nossos maiores; dignae-Vos abençoar tambem a estes humildes Bispos de Portugal, que prostrados aos pés de Vossa Santidade, são e serão constantemente com a mais completa dedicação e veneração —

De Vossa Santidade.

Lisboa 5 de julho de 1886.

Filhos Dedicadissimos e Respeitosissimos

✠ JOSÉ CARDEAL NETTO, Patriarcha de Lisboa.

✠ AMERICO, Cardeal Bispo do Porto.

✠ ANTONIO, Arcebispo de Braga Primaz.

✠ JOSÉ, Arcebispo de Evora.

✠ ANTONIO, Arcebispo Bispo do Algarve.

✠ AUGUSTO, Arcebispo de Perga, Coadjutor d'Evora.

✠ ANTONIO, Bispo de Lamego.

✠ MANUEL, Bispo de Coimbra.

✠ JOSÉ, Bispo de Vizeu.

✠ MANUEL, Bispo de Portalegre.

✠ ANTONIO XAVIER, Bispo de Beja.

✠ JOSÉ, Bispo de Bragança.

✠ JOÃO, Arcebispo de Mitylene.

✠ ANTONIO, Bispo de Bethsaida.

(1) Esta Carta foi a que motivára a famosa Encyclica que publicaremos nos dois numeros anteriores.



SECÇÃO RELIGIOSA

As epistolas de S. Paulo

Mansidão magnanima

Porque ainda que eu sou grosseiro nas palavras, não o sou todavia na sciencia, mas em tudo a vós nos temos dado a conhecer.

(2.ª Epist. de S. P. aos Corinthios.)

O característico distinctivo do caracter modelo do grande apóstolo S. Paulo, era uma rigidez de principios alliada a uma verdadeira tolerancia christã. «Examinae tudo: abraçae o que é bom», disse aos Thessalonicenses. O que não quer dizer senão, que á congregação cabe o direito de examinar com attenção todas as revelações dos que se intitulam prophetas: mas não deve abraçar, nem approvar, senão as que, segundo o juizo da Igreja forem verdadeiras.

Luctando pelo seu direito (que S. Paulo o tira do direito que tem cada christão e que está no livre dom do espirito), pela sua missão, pela sua vocação, concedia a todos a liberdade christã, — isto é, o direito de cada um fallar christãmente dentro da aggremação; mas com a condição de fallar com urbanidade conforme ás tradições do Salvador, afim de que o espirito de controversia, a arrogancia, a contradicção obstinada, não viessem perturbar e contaminar um direito que exigia ser nobremente considerado para que podesse ser conservado.

Durante toda a sua vida de apóstolo, S. Paulo, embora fluente, e, de ordinario, vehemente orador, nunca proferiu uma unica palavra offensiva contra a auctoridade civil. Pelo contrario, o Apóstolo é quem nos deixou prescripto a obediencia ao poder estabelecido nos seguintes termos:

«Todo o homem esteja sujeito ás potestades superiores: Porque não ha potestade que não venha de Deus: e as que ha, essas foram por Deus ordenadas.»

Esta idéa de S. Paulo é explicada por Santo Agostinho no livro *V Da cidade de Deus*, capitulo 25, assim: «Aquelle, que deu o imperio a Augusto, esse o deu a Nero. Aquelle que o deu a Vespasiano, e a Tito, imperadores clementissimos, esse o deu a Domiciano cruelissimo. Aquelle, que o deu a Constantino Christão, esse o deu a Juliano Apostata.»

S. Paulo vela a que a metropole christã fundada em Roma, na capital do mundo pagão, não con-

ceba o imperio do Christo de uma maneira judaicamente carnal, como uma simples transformação da theocracia mosaica, ou de uma maneira pagamente carnal, como uma revolta de escravos.

E' n'este sentido que o Apóstolo prêga a obediencia aos magistrados, porque a ordem civile politica, tal qual é dada no tempo, pertence á economia da Providencia, que unicamente rege n'este particular o curso das cousas, trazendo as mudanças no coração e no espirito dos homens. Transpor estas mudanças é usurpar sobre as prerogativas de Deus, é tornar-se criminoso de lesa magestade divina.

S. Paulo, fallando do Christianismo como da religião de todos os homens, util a todos, mas especialmente cara ao povo, e util ao povo, porque a religião allivia os soffrimentos, e vem em soccorro a todas as miserias, não pretende realisar uma *obra revolucionaria* na ordem politica. O Apóstolo não pretende emancipar, á viva força os escravos; elle não quer derribar, repentinamente e materialmente, a barreira entre os amos e os servidores; mas quer revolucionar os *corações*, bem como *despaganiar* e *deshebraisar* os individuos; emfim, o que elle quer é suffocar o genio de casta e de tribu, a differença de sangue uma vez realiado este milagre em nome do Christianismo que não rebaixa ninguem mas que a todos engrandece, o antigo senhor havia de ver no seu antigo escravo um irmão, e como irmão o havia de tratar, sem que podesse n'isso haver usurpação de bens, nem de classe e de funcções publicas.

Apesar dos seus sublimes principios, a auctoridade local não deixava de perseguir incessantemente o Apóstolo; mas a ouvi-o, sempre tão benigno como respeitador do credito e decoro alheio, ficava logo derrotada. Acaso encontrareis algures, facilmente, uma falla tão benevola como resoluta, uma oração tão primorosa, como aquelle exordio que S. Paulo pronunciou, em sua defeza, perante o tribunal de Feliz, governador de Cesaréa? Éil-o:

«Sabendo que tu és governador d'este paiz muitos annos ha, com boa confiança me defenderei. Tu podes facilmente saber, que não ha mais que doze dias, que eu cheguei a Jerusalem a fazer a minha oração: e nem

me acharam no templo disputando com ninguem, nem alvoroçando o povo, nem nas synagogas, nem na cidade: nem te podem provar as coisas, de que agora me accusam. Porém confesso que sirvo Deus segundo a seita que os judeus chamam heresia. Todavia creio tudo o que está escripto na lei dos prophetas, e como elles espero em Deus que hade haver a resurreição dos justos e dos peccadores... E depois de muitos annos vim á minha gente a fazer esmolas, e offerendas, e votos. N'isto me empregava sem agitação quando me prenderam.»

* * *

As mesmas qualidades oratorias e moraes se acham com um que de mais intimo na resposta de Paulo ao rei Agrippa.

O rei voltando-se para o Apóstolo, disse-lhe: «A ti se te permitte fallar em defeza de ti mesmo.»

Então Paulo estendendo a mão — diz o historiador sagrado — Começou a dar razão de si: «Devido eu fazer hoje a minha defesa na tua presença, ó rei Agrippa, de tudo quanto me accusam os Judeus me tenho por ditoso. Maiormente sabendo tu todas as cousas, e os costumes, e questões que ha entre os Judeus: pelo que eu te supplico me ouças com paciencia. E quanto á minha vida desde a mocidade, que eu observei aquelle principio entre a minha gente em Jerusalem, é certo que a sabem todos os Judeus...»

Uma delicada caridade enternecce o fim d'esta entrevista, quando Agrippa, tocado profundamente pela ingenua firmeza do Apóstolo, lhe disse com sinceridade: *Por pouco me não persuades a fazer-me christão.* E Paulo lhes respondeu:

Prouvera a Deus que por pouco, e por muito, não sómente tu, senão tambem todos quantos me ouvem se fizessem hoje laes, qual eu tambem sou menos estas prisões.

* * *

Toda a vida do Apóstolo foi consagrada a duas obras essenciaes: fundar as igrejas entre os Gentios e conservar n'essas igrejas a pureza da doutrina. N'este proposito, continuando uma boa tradição da synagoga, S. Paulo escreveu as Epistolas que são os primeiros modelos das cartas pastoraes dos bispos christãos, e cuja piedosa leitu-

ra se tem perpetuado como um dos exercicios da missa.

As Epistolas de S. Paulo não são tratados de theologia theorica; pois não conhecemos nada tão pratico e tão pessoal. E' uma defesa em favor da verdade, com todas as formas do stylo, desde a simplicidade familiar até aos traços sublimes da mais transcendente eloquencia.

O que mais é para admirar nas Epistolas, é a auctoridade de um mestre convencido, é a ternura chamante d'um coração que se ha desligado de tudo e se ha dedicado a uma causa pela qual quiz viver e morrer.

* *
*

Indubitavelmente, muitos ensinados se desprendem das Epistolas de S. Paulo; mas nenhum é talvez tão precioso para as almas como a lição que resaca da sua vida inteira.

Lêde a vida de S. Paulo; e tão grande peccador que sejais, jámais desesperareis de vós mesmo.

Para comprehender bem a importancia da sua missão, algumas das palavras do Apostolo são rasgos de luz que esclarecem até aos ultimos limites do mundo moral. Por exemplo, quando elle escrevia:

«Não temos n'este mundo cidade permanente; busquemos a cidade do futuro.»

S. Paulo renovava a face do mundo, porque popularisava essa confiança na vida futura que é a esperanza dos desgraçados e o terror dos perversos.

Superior a toda aptidão e a toda vaidade, S. Paulo fez da sua vida um esforço constante para o melhoramento:

«Não, não creio ter ainda chegado á justiça onde eu tendo, nem que eu seja perfeito. Eu persigo a minha carreira, e olvidando o que fica atraz de mim, eu espero por o que está adiante.»

Assim a razão como a fé pôde e deve acceitar as lições e o exemplo d'este incomparavel interprete das doutrinas de Jesus Christo.

J. C. de Faria e Castro.



Os protestantes em Kammin

Os Pastores protestantes da Pomerania, fizeram Assembléa em Kammin, e n'ella discutiram o seguinte thema:

«Que deveres tem a Egreja Evangelica depois da paz com Roma?»

Os mencionados Pastores reputaram o *Kulturcampf* tão morto, que têm como realisada a paz do Imperador Germanico e seu Governo com a Santa Sé, e é em conformidade com este juizo que foi formulado o thema que *supra* exaramos.

Foi relator da questão proposta n'aquella Assembléa o Pastor Kleist-Reitzow, que é tambem membro do Parlamento Prussiano, ou Allemão, e no seu relatorio disse:

«A Egreja Catholica é uma verdadeira *Ecclesia militans*.

Essa vence n'uma lueta sangrenta, com alegria, com o sacrificio e com a desassombrada fidelidade dos seus filhos á causa de Deus. Nós lhe devemos esta homenagem.»

Protestantes, e até Ministros do Protestantismo, os membros da Assembléa designada não duvidaram prestar homenagem á Egreja Catholica Apostolica Romana, Unica Verdadeira; que tal rasgo de justiça do Ceu lhes chamo a *Iluminação completa!*

A referida homenagem não pôde deixar de ser considerada como um triumpho da Egreja de Deus; são Protestantes e Protestantes Prussianos a confessarem o *Kulturcampf* vencido e o Papa vencedor, e ao mesmo tempo produzindo um *abaló* no Protestantismo que o tornará *ainda mais abalado*.

Il-je, e com relação áquelle que pareceu um gigante com o nome de *Kulturcampf*, poderemos repetir: *Oh! feliz culpa!* já que tanta guerra deu occasião a tanta victoria! Se não a maior, uma das maiores provas da *Invencibilidade* da Egreja Catholica pela Assistencia Divina, prova dada n'estes tempos, foi a resistencia vencedora, feita pelo Vigario de Christo, ao *Kulturcampf*; este foi creado por um homem tão humanamente forte que foi denominado *Chancellor de ferro*, dispondo do Exercito mais bem organizado na Europa e numerozo em centenas de milhares de soldados, e depois de grandes batalhas ganhas por estes militares, obtendo por isto uma ascendencia tal n'esta parte do Mundo, que realisou para o Imperio Allemão o que dizia da França Frederico II. da Prussia; dizia este Soberano:

«Se eu fosse Rei de França não se daria um tiro na Europa sem minha licença!»

E' n'estas conlições que o *Gigante-Bismark*, referendado por Authoridade Imperial, cria o *Kulturcampf*, este elemento temporalmente tão auxiliado, e com elle se pôs em guerra aberta contra o Vaticano, quer dizer, contra a Egreja de Deus!

Confessa Bismark, não obstante, que suas *pelejas contra o Catholicismo lhe serão mais custosas que os combates contra a França!*

De um Protestante não se poderia esperar mais que o mais, pois que o Protestantismo, nem mesmo vendo os factos, não confessa a *Invencibilidade da Cadeira de Pedro!*

Diz ainda depois o *Chancellor de ferro*, afirma: «que nunca irá a Cannossa!», allusão historica ao Imperador, que, arrependido, foi doitar-se aos Pés do Papa a pedir-lhe perdão em Cannossa.

Ao mesmo tempo estava firme, sereno, justo e caritativo, Aquelle que Representa Jesus Christo na Terra, na Sua paciencia possuia Sua alma o Quiava as almas Catholicas para que estas tambem se possuíssem; e com a firmeza na Justiça, na Caridade, na Paciencia, o *Gigante* foi amangado, convenceu se, o Vaticano venceu e o *Kulturcampf* morreu!

Que dizer? que foi novamente demonstrada a Infallibilidade d'aquellas Palavras: *Portae inferi non praevalébunt!*

E ainda; aquelle, que tanto contrariou o Papa, Este que é a *Synthese* da Esposa Mystica do Divino Redemptor; aquelle mesmo, *ido finalmente a Cannossa*, não fica aqui, e, fazendo mais, toma a iniciativa para que o Soberano Pontifice seja o Arbitro na delicadissima questão das Ilhas longinquas, que eram objecto questionado entre a Alemanha e a Hespanha, questão sábiamente resolvida por Sua Santidade Leão XIII a contento das duas partes interessadas.

São factos sabidos, mui conhecidos, mas isto não obsta a que se venha a elles com importancia e proveito.

Presenciámos pois uma das maiores victorias da *Força Moral* contra a *Força Material*, e n'estes tempos parece-nos ser a maior *verificada e precursora de outras* que não ficarão inferiores!

A *declaração da Assembléa de Kammin*, antes mencionada, é tambem um não pequeno triumpho para a Fé Catholica!

Não ha perseguição á Egreja do Deus que não acabe por ser vencida, sem deixar enfraquecidas pelo combate vencedor as Forças da Mesma Egreja, antes ficando estas *accidentalmente* mais robustecidas, pois que *substancialmente* o são em Deus!

O Christianismo, *id est* o Catholicismo, é o Vencedor de todas as batalhas o que encerra o juizo de nunca ter ficado vencido em alguma! e sempre assim será.

D. Antonio de Almeida.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante
a razão

XIII

O estabelecimento do Christianismo

(Continuado do n.º 1)

TÃO grandes foram as conquistas alcançadas pela civilisadora religião christã sobre a corrompida sociedade! Tão grandes foram as maravilhas d'uma moral pura e sublime, que veio estreitar os vinculos sociaes enfraquecidos pela relaxação do paganismo, d'um ensino, que veio restabelecer a egualdade humana e a sancta liberdade, pois que em laconicos preceitos determina os deveres que unem os homens em estreito laço, submettendo-os primeiro ao seu Creator; d'uma moral que robustecendo com suas maximas o principio da auctoridade (1) protege ao mesmo tempo contra o repugnante abuso das riquezas e da força todos os mortaes oprimidos.

E como a mulher era uma injusta victima de arbitraria tyrannia, fez o matrimonio indissolúvel, elevando-o, além d'isso, á dignidade de sacramento; alto caracter que é hoje substituído pela invenção do abjecto e soez concubinato, pois que outra cousa não é o matrimonio civil, o matrimonio civil, que volve a mulher ennobrecida pelo christianismo á sua degradação antiga!

O Evangelho attende com paternal solicitude as necessidades privadas e publicas, e buscando na caridade o seu mais certo remedio, impõe esta virtude ao homem, prohibindo a usura e a avariza: calam no coração das almas caridosas as palavras com que refere a parabola do lavrador avaro: «... O campo d'um homem rico tinha dado abundantes fructos... e pensava dentro de si dizendo: que farei, que não tenho onde recolher os fructos? e disse este homem: derribarei os meus celeiros e fal-os-hei maiores, e n'elles recolherei todas as minhas novidades e os meus bens, e direi á minha alma: alma minha, tu tens muitos bens em deposito para muitos annos: descansa, come, bebe, regala-te... E Deus lhe disse: insensato, esta noite te virão demandar a tua alma; e as cousas, que tu ajuntaste, para quem serão? Assim é que o que entesouera para si não é rico em Deus (2).»

(1) S. Paulo escreveu aos Romanos na sua carta segunda: *Non est enim potestas nisi a Deo; quae autem sunt, a Deo ordinatae sunt... itaque qui resistit potestati, Dei ordinatione resistit*: cap. XIII.

(2) S. Lucas Evang., cap. XII, vs. 10, etc.

São bellissimas as maximas que contem aquelle livro divino para consolar as desventuras do genero humano: «Benaventurados os que choram, porque elles serão consolados. Benaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque elles serão fartos.»

E' esta a moral que Jesus Christo prégou e a Igreja catholica professa, ensino inimigo da tyrannia sempre injusta, e caritativamente protector do genero humano pobre e desgraçado. E' esta a sancta religião do povo, de que hoje o desviam com o sinistro fim de explorar a sua inexperiencia. E esta é a doutrina combatida pelos injustos oppressores da pobre humanidade, que sabem cobrir-se destramente com a hypocrita mascara de enganadoras theorias, que para o povo desditoso são sempre mentira!

Os Apostolos obtinham grandes triumphos com a moral purissima que ensinavam, conseguindo espalhar-a prodigiosamente pelo mundo poucos annos depois da morte de Jesus, como assegurava S. Justino no seculo II da Igreja: «Não ha nação alguma de Gregos, Barbaros, Scythas, de tribus errantes nem de pastores entre os quaes se deixe de fazer oração, dando graças ao Creator do universo em nome de Jesus Christo (3).»

E S. Ereneo escreve egualmente no mesmo seculo: «A doutrina do nosso Mestre não se limitou á Judéa, espalhou-se por toda a terra, catechizando os Gregos como os Barbaros, em cada uma das nações e nas suas cidades, como nas aldeias, atrahindo ao conhecimento da verdade familias inteiras, muitos particulares e grande numero de phylosophos (4).»

E Tertuliano disse aos gentios na Apologia da religião que escreveu um seculo depois: «E' tão immenso o numero dos christãos apesar dos vossos leões, das vossas fogueiras e dos vossos cadafalsos, que se quizessem de fender-se com as armas achar-se-hiam com forças para sustentar uma guerra contra qualquer nação; e se determinassem ausentar-se das terras do imperio, diminuiria consideravelmente o numero dos seus cidadãos (5).»

Isto era escripto por celebres auctores nos tres primeiros seculos da Igreja; e sobre o mesmo assumpto communicou o seu alarime o preconsul Plynio, dizendo em uma das suas cartas ao imperador Trajano: «Esta superstição não só tem infeccionado a cidade, mas até as aldeias logarejas por onde se tem espalhado egualmente (6);» e Luciano assegurava «que no

Ponto abandonavam aquelles christãos atheus que blasphemavam contra o deus Glycon, e que era necessario apedrejal-os para que o deus fosse propicio.»

Foi obra divina a maravilhosa e rapida propagação do christianismo, porque o esforço humano por si só não teria podido lograr tão admiravel resultado.

Faz quinze seculos que S. João Chrysostomo proclamava esta verdade: «Se esses pobres homens sem ciencia, sem ltras, sem eloquencia veneram os sabios, os philosophos, os principes, os imperadores, e n'uma palavra, todos os poderes da terra, e conseguiram alistal-os debaixo das leis do Evangelho: o que isto demonstra admiravelmente é um effeito da virtude inteiramente divina da cruz de Jesus Christo, e que nenhuma cousa humana teve parte em tão gloriosa victoria (7).»

Com egual proposito escreveu Eusebio no seculo IV da Igreja: «Que uns homens ignorantes levem o nome de Jesus Christo a toda a terra, uns á propria Roma, centro do imperio, outros á Persia, outro á Armenia, outros ao paiz dos Scythas, outros á India e aos logares mais remotos da terra, outros mais além dos mares ás ilhas Britannicas: é isto uma cousa que excede muito, segundo a minha opinião, as forças humanas, e com mais razão as dos simples e sem ltras, e ainda mais as de quaesquer impostos res.»

Conjuraram-se contra o nascente christianismo os poderes da terra, declarando-o inimigo da patria, e perseguindo todos os seus discipulos com refinada crueldade, os quaes eram reconvidos por suppostos crimes e repugnantes delictos, que serviram de pretexto para arrancar ao despotismo dos Cesares sanguinarios editos de extermínio.

Os fieis celebravam as suas assembleas reservadamente por causa das perseguições que soffriam, e as suas reuniões mysteriosas em desconhecidas cryptas davam pasto ás fabulas ridiculas e absurdas. Accusavam-nos de se alimentarem com sangue e carne humana, e de adorarem o sol, symbolizado em Jesus Christo, crença errada que os idolatras formaram da distribuição eucharistica do pão e do vinho consagrados, e da observancia do domingo, dia dedicado ao sol na sua absurda mythologia.

Aquelles christãos gloriavam-se com o desprezo dos homens, e reuniam-se para orar debaixo das abobadas que conservavam os restos mortaes de seus

(3) *Dial. cont. Tricl.*

(4) *Cont., Ilarr.*, liv. III, esp. IV.

(5) *Apol.*, cap. XXXVII.

(6) *Epist.* 97.

(7) *Homil. in lib. ad Corint.*

sciencia, quando ella os admite, factos illuminadores.

Fugir d'aqui é, cair se nas trevas.

O christianismo, pelos seus principaes mysterios allumia a sciencia do mundo, a sciencia de Deus, a sciencia do homem, n'uma palavra toda a sciencia; Jesus Christo mesmo, centro vivo do verdadeiro christianismo appareceu-nos no seu divino brilho como a patria da luz universal. O Christo, o Filho de Deus feito homem, é a verdade cheia e substancial; é a razão divina incarnada n'uma carne humana; toda a luz irradia d'elle, e toda a sciencia que foge d'elle enterra-se nas trevas

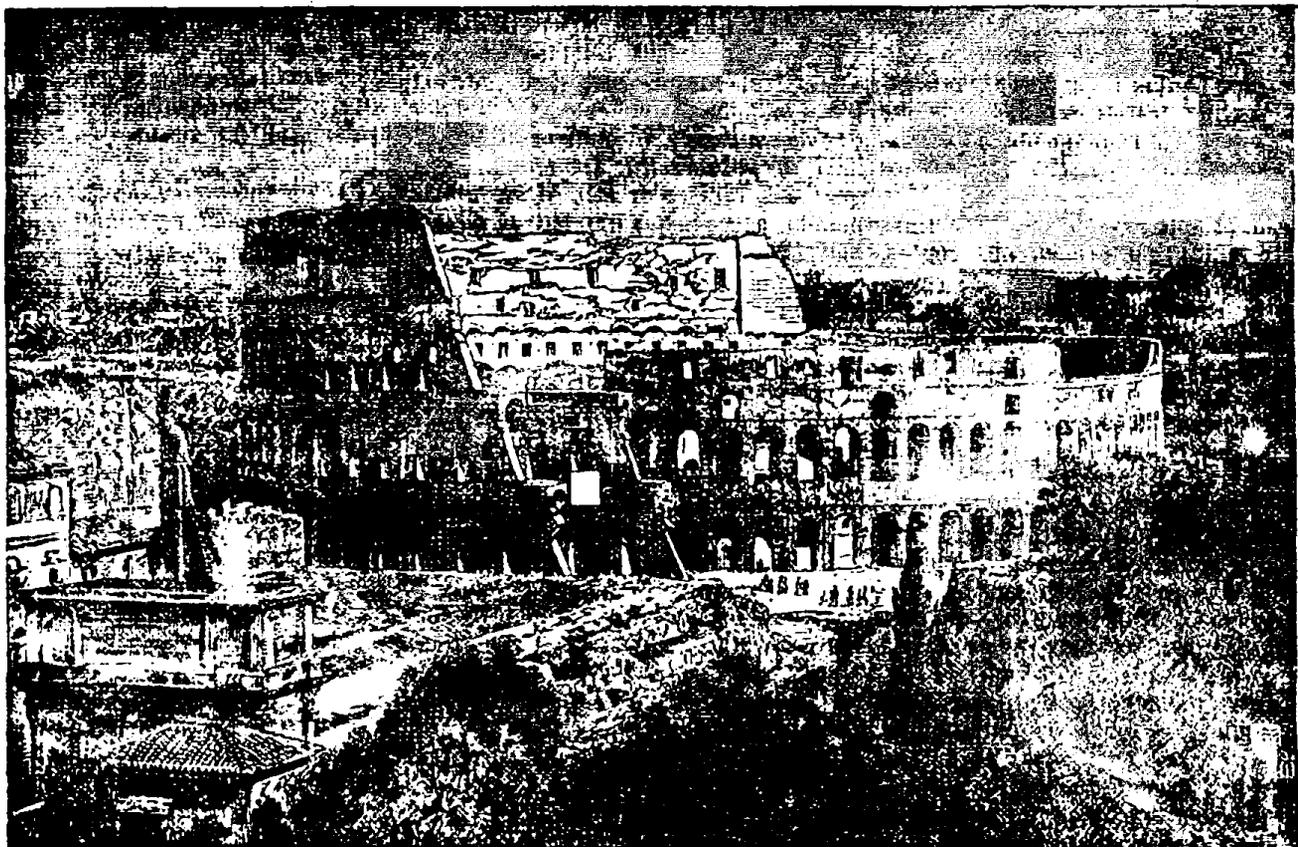
contra si sonão a sciencia *erronea*, o phantasma scientifico.

*
* *

A idéa do livro do sr. Junqueiro, *que são 50 ballas que, partindo de diversos pontos vão todas bater no mesmo alvo* é, apparar o christianismo representado no Padre Eterno demasiado velho! Assim o satyrico (em ócos alexandrinos como tambares!), em dictadura, decreta: a abolição da sua fundação, por que é uma *mentira* feliz do fundador, triumphando pelo *fanatismo* dos apóstolos; a aboli-

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros, São como a cinza vã que sepultou Pompeia. Exhamemos a fé desse montão de escombros, Desentulhemos Deus, d'esse aluvião de areia.

Eis aqui o apuramento que o satyrico nos faz do christianismo: elle sem os dogmas, sem os mysterios, sem os sacramentos, sem o culto, sem o sacerdocio, sem a Eucharistia, sem a jerarchia, sem a instituição creada por Jesus Christo; o christianismo emfim, sem Jesus Christo elle mesmo! E isto é o que a Sciencia, que se diz nova, chama engenhosamente *apurar o chris-*



O COLISEU

á medida da distancia em que fugiu d'elle.

E todavia é contra Jesus Christo mesmo que o espirito humano parece querer, pelo orgão de alguns homens, insurgir-se presentemente; e é em nome da sciencia que elle aspira desthronal-o. Diz se-hia o genio scientifico, n'uma hora de vertigem, revoltando-se contra si mesmo, para accommetter o Christo e o christianismo o fundamento e a substancia da verdade.

Mas não, benevolos leitores, o que investe com Jesus Christo e com o christianismo, não é o genio da sciencia, é apenas uma famaça d'ella. Jesus Christo tendo por si a verdadeira sciencia, não pó-le ter nem tem na realidade

ção da sua historia, porque é uma *sublime louca*: a abolição dos seus dogmas, porque são uns mythos e uns symbolos servindo de involucro a *bellas chimeras*; a abolição dos seus sacramentos, porque são figuras sem realidade: onde o povo encerra tudo o que quer; a abolição do culto, porque é um conjunto de ceremonias, *espectaculos*, perfunctas, procições, etc., que fazem do christianismo um *sensualismo* peor do que o *materialismo da antiguidade*.

Eis a obra da *Sciencia nova*, exactamente a que professa no seu livro o satyrico de Vianna do Castello, que tambem chama *novo!*

E arreganhando-se o satyrico lá das regiões aéreas para onde subiu, para a terra diz aos *Simplex*:

Christianismo! O puritanos! como bem te conhecemos.

*
* *

Mas como? acaso existe em Portugal um anti-christianismo contemporaneo? Sim, Senhores, qualqner que seja a causa verdadeira d'este phenomeno, é visivel que em nome da sciencia, se toma armas contra o christianismo, e até contra toda a religião.

Doas correntes se mettem debaixo dos olhos, arrastando as gerações novas em duas direcções diametralmente oppostas: por uma d'estas correntes o nosso seculo remonta para Jesus Christo e volta a ser christião: por outra, o nosso seculo afasta se de Jesus Christo e volta para o paganismo.

A primeira d'estas duas correntes é vasta e profunda; ella segue em silencio o seu caminhar lento e progressivo, apesar dos fremitos das paixões que berram na praia. A segunda é relativamente pequena; mas é violenta; ella precipita-se; ella salta, escuma, bate com estrepito, como a corrente que trasborda, no granito immovel; mas como ella passa rapida, tambem não deixa atraz de si senão os vestigios dos seus desastres. É a corrente anti-christã; é o anti-christianismo que tenta mais uma vez a destruição da religião catholica que matam constantemente, e que não sabe mover nunca.

Qual é o theatro, quaes são os actores, qual é o *mot d'ordre* d'esta guerra? Onde se produz sobre tudo este anti-christianismo que se poderia crer enterrado e morto para sempre, mas que parece resurgir actualmente a sua caduca impiedade e os seus retrogradados odios?

Elle produz-se sob todas as formas da litteratura: no drama, nos contos, no folheto satyrico, ás vezes nas revistas e principalmente, até nos jornaes de 10 reis. Ha jornaes que parecem existir de proposito para dar-nos todas as manhãs, com o succedido na vespera, o testemunho de um odio sempre antigo e sempre novidade, contra Jesus Christo e a sua Igreja.

Sim, Senhores, é evidente que existe hoje em Portugal uma legião do anti-christianismo; diminuta pelo numero e pelo genio, mas ruidosa pela agitação e o escandalo; legião militante do erro contemporaneo; soldados esgarrados de uma escola bem conhecida que da França penetrou em Portugal, o positivismo, emfim de todas as philosophias mais ou menos derrotadas. Posteridade legitima mas degenerada, facil a reconhecer mas rachitica do patriarcha de Fernez, todos estes Voltaires contrafazem a sua paternidade anti-christã: incapazes de reproduzir o seu estylo, reproduzem a sua chacota; e não podendo furtar-lhe o espirito, furtam-lhe a carantonha, só imitando-o perfeitamente n'uma coisa, no seu odio contra Jesus Christo e contra o christianismo.

So em Portugal se acham organizados estes filhos eleitos, pouco importa sabel-o; o que não ha duvida é que elles conhecem-se e prestam-se contra Jesus Christo e os seus um soccorro mutuo: e a diffamação, a mentira e a calunnia estão a postos mais uma vez para derrocar no christianissimo as tres coisas que elles n'ello temem, as doutrinas, as instituições as pessoas.

* * *

E tu tentando roubar a Jesus Christo a corôa da sua divindade, has de conseguir conquistar para ti mesmo a deshonra da contradicção e do absurdo. E a voz das tuas blasphemias não fará senão augmentar mais aquelle canto triumphal que aclama pelo universo a divindade de Jesus Christo: O Christo triumpho, o Christo reina, o Christo manda: elle é Deus!

J. C. de Faria e Castro.



Ainda os missionarios em Barcellos

BARCELLOS, a nobre villa que, em epochas remotissimas, foi cidade episcopal, *deve festejar*, todos os annos, com *fo, o chinez gaita de folles e bombo*, o anniversario natalicio do *pasquineiro*. Deve, sim, porque, se o rabiscador não viesse a este mundo, as sciencias e as letras teriam morrido em Barcellos, já ha muito.

O que seria hoje a nobre villa sem o *sabichão*? Um aggregado de casas *rusticas e plebeas e..... mais coisissima nenhuma*.

Os caros leitores vão agora ver se isto é ou não *verdade*, pela *esplendida PERORAÇÃO* com que o escrevinhador remata o seu *eloquente discurso*.

Ora attenção.

Diz o *sabio* rabiscador:

«Tudo isto é muito grave». (O rabiscador refere-se ao tal «*roubo de mulheres*» de que os leitores já têm conhecimento).

«Estes são os fructos das *missões* (o italico não é meu) sempre e em toda a parte.

«São os fructos da semente do fanatismo, lançada ao meio da sociedade, pelos negregados roupetas.

«Pobre concelho de Barcellos, que assim estás sendo espezinado e sugado pelas viboras da reacção!»

Paremos aqui.

O *pasquineiro* não se engana.

No proximo numero verão os leitores que realmente são graves e «*muito graves*» as mentiras que o estulto e «*negregado*» rabiscador vomitou na *bella INFORMAÇÃO* do «*roubo de mulheres*». «*Tudo*..... mentiras. Verão isso d'um modo bem claro.

Relativamente aos «*fructos das missões*» já o rabiscador sabe quaes são, porque aqui os tenho referido. Veja o *pasquineiro* as pag. 105, 150, etc. do 8.º volume d'esta Revista.

Mas supponha-se que houve o «*roubo de mulheres*» na missão que se deu em Martim. Será fructo «*das missões sempre, e em toda a parte*» o tal «*roubo de mulheres*»? O rabiscador, como se vê, diz que—sim.

O grande *pasquineiro*! Quantas mulheres foram *roubadas* pelos «*jesuitas do Varatojo*» na missão que estes deram em Barcellos?

Quantas na fregueza de Gual? Quantas na de Padim da Graça? Nenhumas!!!!....

Não entanto «*estes são os fructos das missões sempre, e em toda a parte*»!!!!!!

Os bons missionarios a *roubarem mulheres*!! Cruzes! *Sternocte mafarricus*!! como dizem certas velhas que sabem latim.

E que se ha de mandar fazer ao *pasquineiro* á vista de tantos dislates? Quebrar a penna e cavar batatas? Sim, porque as falsidades e asneiras que tem dito «*são os fructos da semente*» da ignorancia, «*lançada ao meio da sociedade pelos negregados*» rabiscadores—apologistas do vicio e mofadores da virtude.

«*Pobre concelho de Barcellos, que assim estás sendo espezinado e sugado pelas viboras*» da mentira e da calunnia!

Continúa o *pasquineiro*:

«Os Varatojanos já sahiram de Barcellos, e os effeitos da sua santidade vão apparecendo.

«Em Gual a loucura.

«Em Martim o descaminho de mulheres.

«Veremos o que farão na freguezia da Graça, concelho de Braga, para onde elles se foram aninhar.

«Liberaes: alerta.

«A reacção levanta o collo altivo. E' preciso *emagal-a*».

Agora nós.

O *pasquineiro* não cessa de proclamar mentiras e parvoices.

Diz elle que o *effeito* da missão, dada pelos Varatojanos em Martim, foi «*o descaminho de mulheres*». (Já não falla em «*roubo de mulheres*». O rabiscador rabiscou pouco: se rabiscasse mais um *bocadito*, nem haveria «*roubo*» nem «*descaminho*»).

Ora o que é certo é que os missionarios Varatojanos nunca missionaram em Martim. Por consequente ali têm os bons leitores uma grande pèta forjada pelo *pasquineiro*.

Além d'isso diz agora que—o *effeito* da missão que os Varatojanos deram em Gual foi *SOMENTE* a «*loucura*»! O *effeito* da de Barcellos—*tacet*. E diz mais que—«*VEREMOS o que farão na freguezia da Graça.....*»

O rabiscador diz agora isto. Acima, porém, havia affirmado que—«*os fructos das missões, SEMPRE, E EM TODA A PARTE*» eram—*roubos de mulheres*!!

Sim, senhor. «*Tudo isto é muito grave*»: são mentiras e contradicções de dez braças de comprido! O que, pois,

o rabiscador muito precisava, era d'um puxão de orelhas de modo que lh'as estirasse ao menos, palmo e meio (tudo pela medida velha). Podia ser que assua elle, *ensinando*, abraçasse *outra modo de vida*.

Republicos barcelenses: «*álerta*».

O *pasquineiro* vosso *confrade*, «*levantando o collo altivo*», dizendo e escrevendo muitas asinidades. «*E' preciso esmagal-o*», porque, aliás, tendo vós a *figurar* na imprensa republica um *typo tão fino, nula figuraes*, e.... adeus Republica. Mas não o esmagueis: haja *mais fraternidade*. Dai-lhe antes o remédio que acima apontei, e depois manda o homem para a escola aprender o— a b c. E' o que deveis fazer.

Diz mais o *pasquineiro*:

«Em Martim ha diversos *engajadores* de mulheres, e *agentes* dos roupetas, para lhes fornecerem *carne humana* para os seus coios!»

«Isto é grave. E' o trafico vergonhoso do homem livre, em pleno seculo de progresso, e de fraternidade universal».

Que tal? Então, «em Martim ha diversos *engajadores de mulheres e agentes dos roupetas para lhes fornecerem carne humana*», hein? Foi mau, muito mau o «*nefando*» escrevedor não mencionar no pasquim os NOMES e SOBRE NOMES dos «*engajadores*» e «*agentes*». Individuos assim, que commettem crimes d'esta natureza, deviam ser indicados á policia e ao republicano sr. Zofimo Consiglieri Pedros para *lhes fornecer* assumpto na camara dos deputados. Não se lembrou d'isso o rabiscador. Porque? Porque—é outra grandissima mentira.

Segue-se, pois, que «*isto é grave*» e mais que «*vergonhoso*». Só dos nefarios «*coios*» republicos podem nascer patranhas tão graves.

E as *coisas correm bem*. O *pasquineiro* arrota *progresso e fraternidade*. Ora se as mentiras e calumnias são—*progresso*, é certo que este «*seculo*» está «*pleno*» d'ellas, tendo o *pasquineiro* a *alta honra* de concorrer muito e muito para o *brilhançismo* da epocha actual. De resto, o *pasquineiro*, a *progredir* como *progride* nas *sciencias* e nas *letras*, será, em pouco tempo, homem tão scientifico e litterato, como no dia em que sahiu do ventre materno: será uma *coisa admiravel*, muito *digna* de ver-se. *Mirabile visu*.

Agora.... a *fraternidade*.

Ahi vai um bocadinho sobre a venenosa *licha*.

«*Todos somos irmãos*: eis aqui a primeira profissão de fé moderna. O que se pôde n'ella censurar? Se tal proposição se entendesse rectamente, não só não haveria n'ella que reprehender, mas muito que elogiar; porque haverá coisa em si mesma mais util para o mundo

que a verdadeira fraternidade? Como porém se entende mal e se usa para encobrir traições e perfidias, é necessario examinar um pouco o que vale no uso que d'ella se faz frequentemente.

«*Fraternidade é amor*: ora a fraternidade como por ali se entende, destroe todo o verdadeiro amor, e emprega-se como um lição para accender a discordia. Recordem-se os leitores do tempo em que se começou a empregar a palavra, que foi no seculo passado, ao estalar a grande revolução. Não foi aquelle o tempo da fraternidade? Os primeiros campeões que a inauguraram mandaram logo ao patibulo mais de duzentos mil de seus concidadãos, e depois entre si fizeram o resto... destinando-se reciprocamente á *lanterna*, á *guilhotina*, ao machado e ao punhal, como é bem sabido. Os que lhes succederam no nome de *irmãos* succederam-lhe tambem no seu *amor* reciproco. Algumas provas d'isso teve a Europa em 1818 (1), e em nossos dias os nossos queridos *irmãos* vão dizendo e publicando que, se para estabelecer no mundo a sua *fraternidade* fôr preciso que um milhão de homens vá para o cemiterio, não se commetterá com promover semelhante facto nenhum excesso!» (2)

Se os bons leitores quizerem saber muitas mais *coisas lindas* sobre a tão decantada *fraternidade*, leiam a obra intitulada —*Respostas Populares ás Objecções mais communs contra a Religião*—obra traduzida em portuguez pelo sr. José Franco de Souza. Leiam, no 2.º volume, a pag. 288 e seg. Allí é que o Padre Secundo Franco mostra bem o que é a peçonhenta hydra que o rabiscador barcelense e outros que taes pretendem vender por—*lampreia*.

E continua o *pasquineiro*:

«Dizem-nos que a victima Anna Píneiro fôra ameaçada de que não podia obter o perdão dos seus peccados, e ter, portanto, *absolvição*, se não *recolhendo-se a um asylo*, para prestar honra e gloria a Deus.»

Isto não pôde deixar de ser um embuste, mas um embuste acompanhado de muita ignorancia theologica. E eu, porque já vai longo este artigo, e porque tenho mais que fazer, deixo ficar o ignorante na sua ignorancia. O rabiscador, se se confessasse de tantas calumnias e mentiras que rabiscou e diffundiu, é «*que não podia obter*» a «*absolvição*»: d'ellas sem se *recolher* a casa pelo *mesmo caminho*. Depois d'isso se haver retractado, na imprensa, de tanta «*honra*» prestada ao demonio então sim.

A'cerca do «*asylo*» de que falla o

(1) Mais ainda em 1870, tanto em França como em Hespanha, como diz o sr. José Franco de Souza.
(2) «*Respostas Populares ás Objecções*...», pelo Padre Secundo Franco, pag. 287 do 2.º volume.

homem, verão os leitores a grande coça que o *pasquineiro* apanha do protesto dos ill.^{mos} snrs. proprietarios do Encourados.

Agora... as ultimas palavras com que o *notavel orador* fecha a PERGRACÃO do seu *magnifico discurso*.

Diz o homem:

«Os infames são capazes de tudo isto.

«Guerra de morte a elles.

«Accendamos o odio, e esmaguemos a reacção.»

Sim: «os infames», como o rabiscador, «são capazes de tudo isto.»

«Guerra (mas não de morte) a elles.

«Accendamos o *facho lucente da justiça* (como diz o rabiscador em outra parte) «e esmaguemos», no proximo numero, as mentiras e as calumnias.

Ora ahi fica, AD PERPETUAM REI MEMORIAM, o *grandioso monumento*, levantado pela fallecida «*Ideia Nova*», de Barcellos, para attestar aos vindouros as muitas *luzes*, o *progresso* e a *fraternidade* do seculo XIX. Ahi fica sem falla d'uma virgula.

E... basta por hoje.

Um leitor do «*Primeiro de Janeiro*».

SECÇÃO LITTERARIA

Primeiro de dezembro

A. A. da F. Peres

Sessent'annos, sessenta de ignominias, sob a proterva garra d'essa Hespanha, d'ella, que, para os fracos, insolencias, só tem motejos de tigrina sanha!...

Sentindo, oh Portugal! no peito estrenuo, a sapata cruel premindo atroz, como terveram tuas grandes coleras, que explosões suffocas-te em tua voz!?

Amarga ainda a lembrança, nos teus labios? Mais que dura te foi a escravidão?... Sempre abusou Castella da victoria; São-lhe gôso, os gemidos na afflicção!...

Tives-te de curvar-lhe a fronte, oh patria! accessa no escarlaté dos insultos! Repastou-se o chacal em crús flagícios, mas teus brios não ficam sempre inultos!

Rasgada folha a folha, a tua historia, tendo em cada hora affrontas a tragar, no abatimento de uma sina tragica, oh quem deixára então de te chorar!?

De Aljubarrota, de Valverde rindo se, humilha-te Castella vencedora!... —Sombra do condestavel sobre o tumulo, faz reluzir a espada assoladora!...

Ala dos namorados, s'us, e rapido, castiga os vis motejos do insolentes!

Recorde a Hespanha, teu valor titanico;
faz-lhe, em pavor mortal, bater os dentes!

Mostra-lhe o teu esforço, os teus prodigios,
resuscita os teus ferros esquadros;
ergue as tuas bandeiras de victoria;
insuffla vida á patria do Camões!

De balde! que ella expira abjecta e misera,
qual roto velho, a beira de uma estrada!
Foi grande? Isso que importa?... A sua gloria,
vêde em Alcant'ra, como foi manchada!...

Mas não, não morre!... A chamma patriotica,
rubra de odios, fatal, irrompe um dia!
E as igneas explosões do luso incendio,
seria a Hespanha, quem n'as calcavia?...

Primeiro de dezembro, oh dia homerico!
o sol que despontou no teu raiaz,
de purpuras cobriu a nos;a historia,
vendo em terra um tyranno baquear!...

O caçado leão surgira em furias,
e forte, em sua colera tamanha,
vinga em traidores, as cruéis sevicias,
e leva a espada, ao coração de Hespanha!

E lutou e venceu!.. Do jugo barbaro,
os ignobes grilhões despedaçou;
e, á frente da contraria, em lutas epicas,
o cuspo do deslorço arremessou!...

Quem ha que possa crer no sonho iberico;
deslembrar sessent'annos de lição?!
A Hespanha, em seus convites, tem perfidias,
é um algoz, que nos estende a mão!...

Se algum dos filhos teus, oh lusa patria!
na hespanhola alliança inda pôde fé,
vibra o raio das tuas grandes coleras,
e esmaga o vil, debaixo do teu pé!...

Mattos Ferreira.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

A destruição dos inimigos de Deus

A «BIBLIA», esse grande livro,
o livro por excellencia, dá-nos
em cada uma de suas paginas
grandes ensinamentos, e mais que isso
ainda, magnificas passagens, que nós
bem podemos comparar com outras da
actualidade.

Diz-nos, pois, a «Biblia», que, ten-
do-se approximado dos muros de Jeru-
salem os exercitos aguerridos de Sen-
nacherib, e depois de muitas e muitas
blasphemias, proferidas pelos guerreiros
do principe Assyrio, e por este mesmo,
contra o Senhor Deus dos exercitos,
e estando já sem esperança Ezechias,
implorára a protecção Divina, e que
para logo o exercito invasor fora des-
truido por um guerreiro desconhecido

que cortava os ares montado em alado
ginete, despedindo raios de fogo que
deixaram os principaes do exercito e
cento e oitenta mil combatentes sem
vida.

Hoje dá-se o mesmo facto, como
passamos a demonstrar, descrevendo
a nossa gravura de paginas 30.

O exercito de Satanaz, saído das
trevas, postára-se em linha de com-
bate, contra Deus, contra a Igreja,
contra a liberdade.

As suas armas são a calumnia, os
meios de combate os mais infames, os
tropheus da victoria, o completo anni-
quillamento da sociedade.

Este exercito é a maçonaria, blas-
phemando contra Deus, insultando a
virtude, desrespeitando a auctoridade.

Mas, quando se julgavam senhores
do campo, eis que o famoso guerreiro
da Cruz, o Papa, despede os raios da
sua auctoridade, e o maçonismo, ator-
doado, recuou.

Vêde aquelle anjo que a nossa gra-
vura representa. E' o Papa, espalhando
a Encyclica contra a Maçonaria e o
Breve que restabelece com todos os
privilegios, a Companhia de Jesus.

Os effeitos produzidos por esses
raios, despedidos do Vaticano, foram
os mesmos que aquelles produzidos so-
bre os exercitos de Sennacherib. De-
bandou o exercito das trevas, e o Papa,
cheio de luz e gloria, eil-o do alto,
como o guerreiro biblico, rindo do mun-
do, da desordem, do panico, que vae
nos contrarios arrayaes.

E' magnifica a comparação, e muito
deveria aproveitar aos inimigos da Egreja,
se n'elles fosse possivel haver um
pouco de timo, ao menos para ficarem
sabendo, que não é facil, que é im-
possivel a victoria do nada sobre a
omnipotencia.

Fique-se, porém, sabendo que os
raios do Vaticano produzem o effeito
nos arrayaes do maçonismo, que pro-
duziu nos de Sennacherib o enviado
do Senhor.

II

O Colissen

A nossa segunda gravura repre-
senta essa magestosa edificação que
Vespasiano começara e que Tito conclui-
ra. Era um dos mais colossaes edificios
da Roma dos Cezares, onde se accom-
modavam 80 mil espectadores. Ali,
n'aquelle amantado de pedras, que o
tempo e os barbaros derrocaram, reu-
nia-se o povo da Roma pagão para se
deverter, para se assassinar salvando o
Cesar, e era ali que os primeiros chris-
tãos, essa phalange de martyres davam
a vida por Jesus Christo, despedaçados
pelas feras, que a fereza dos despotas
de Roma faziam trazer do deserto para

os amedrontar, para os obrigar a ne-
gar Deus, e prestar culto aos falsos
idolos.

Que de epopeas grandiosas dentro
d'esse recinto se escreveram com san-
gue innocente! que de cimentto fortis-
simo ali se lançou, para sobre elle se
erguer a arvore frondente que hoje
sobre mais de duzentos milhões de ca-
tholicos!

A nossa gravura representa o Co-
lissen no estado actual.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

E NVIADO por S. Exc.^a Revd.^{ma} o
Sur. Arcebispo de Mitylene,
recebemos as *Instrucções acer-
ca das faculdades concedidas aos Rev.^{os}
confessores, por occasião do Jubileu no
presente anno.*

Agradecendo penhoradissimo a S.
Exc.^a Revd.^{ma} a deferencia para com
nosco, e porque não as podemos pu-
blicar no passado n.º, e sendo estem-
poranea agora a sua publicação, pedi-
mos mil desculpas, por não tornar co-
nhecido de nossos leitores mais esta
prova do alto zolo apostolico que in-
flamma a nobillissima alma do Vene-
rando Prelado de Mitylene.

Temos tambem em nosso poder
uma notavel Pastoral do Venerando e
illustrado Prelado dos Açores, acerca
da sanctificação do domingo, que pu-
blicaremos em breve, chamando desde
já a attenção de nossos leitores para
esse documento de alto interesse na
epoca presente, em que tanto se abusa
da sanctificação do 7.º dia da semana.

Em Angra do Heroismo tratam de
uma peregrinação a Lourdes.

Fallaremos do assumpto em outro
n.º, dando desde já mil e acalorados
parabens aos promotores.

Aos nossos collegas que nos felici-
taram pela entrada do «Progresso Ca-
tholico» no 9.º anno da sua publicação,
enviamos os protestos do nosso reco-
nhecimento, o muito especialmente á
«Nação», de Lisboa, que teve palavras
de immercido louvor que offerter-nos,
com o que nos fortalece e chama á lu-
cta por Deus e pela patria.

Ha d'estas cousas, ha, o mais não
nos consta que n'isto entrem os *feiti-
ços e patifarias* dos jesuitas, que é

quem tem causado todos os males que a humanidade vem soffrendo.

No dia 2 do corrente, na freguezia do Carvalho, em Penacova, cahia morto no campo, um homem conhecido por suas maldades, pelo seu mau comportamento.

O povo que o conhecia admirava uma morte tão repentina, e commentava.

E, porque fazia seus commentarios o povo?

E' que o infeliz morria repentinamente no mesmo sitio, no mesmo dia do mez, e ha mesma hora, em que annos antes matára o pao com um pontapé, e um creado com uma enchada!

Será uma cousa occasional, como dizem os fortes espiritos; mas não poderia ser tambem um castigo de Deus, sem que porisso se possa dizer que Nosso Senhor é vingativo? Nosso Senhor não é vingativo; é justiceiro, e foi fazendo justiça por cá, sem deixar de reservar o resto lá para a outra vida.

Meditae o factu.

O nosso amigo e respeitavel sacerdote Revd.º P.º José Maria Martins, que durante alguns annos fôra capellão de S. Torquato, tomou posse já da capellania do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, em Braga.

Acertada foi a escolha da Meza directora d'aquelle sanctuario, porque o Revd.º P.º José Maria Martins, reúne todas as boas qualidades requeridas para bem desempenhar as funcções que estão adjuntas ao cargo que occupa.

No ultimo dia de outubro realisou-se na parochial egreja de Santa Maria Maior, Funchal, a sympathica cerimonia da primeira communhão de creanças.

Assistiu S. Exc.ª Revd.º e Snr. Bispo da diocese, que subindo ao pulpito ao Evangelho, fez um discurso admiravel, fallando da devoção do Rosario e da commovente festa que se realisava alli.

Um Bispo no pulpito é sempre motivo de regosijo para todos os seus bons filhos, e o Exc.º e Revd.º Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, costuma dar d'estes prazeres a niudadas vezes a seus diocesanos.

Louvores, mil louvores lhe sejam dados por isso.

Encontramos n'um jornal a noticia de que o principe regente da Baviera, se declarára protector de todos os catholicos do reino.

Exemplo digno de imitar-se, e se todos os principes assim fossam, o amor

dos povos ser-lhe-hia offertado mais liberalmente, e liberalmente as benções do ceu lhe subiriam sobre as fronte coroadas.

Mas, meus caros amigos e senhores, nem todos os principes estão voltados directamente para o catholicismo, pelo que os lastimamos.

A d'El-Rei, snr. Joaquim Martins do Carvalho; toque a fogo, snr. Vasques de Mesquita; apitem *jovens* de Villa Real, *frontereiros* da Fronteira, e todos quantos pela patria e pela *liberdade* costumam badalar.

Escavaquem-se esses sinos, arrebenhem de uma vez, se tanto fôr mister, mas chamem em voz alta tudo que de liberalissimo ha n'este reino fidelissimo, porque a reacção vae estender mais um braço; vae levar o fanatismo a terras algarvias.

Informam-nos, diz um collega nosso, que partirão em breve para o Algarve, 6 Irmãs Hospitaleiras, para serem admittidas como enfermeiras nos hospitales d'aquella provincia.

E vão! E estes liberalões d'uma figa, muito calados!

E' que talvez agora não queiram estar de mal com as Irmãs, com a esperanza de que ellas lhe mandem de lá figos; mas ellas o que lhe fazem já ó... figas.

Então os snrs. inimigos dos missionarios, que por ahi andam sempre a berrar contra elles, julgavam que não ha missionarios em Africa? Essa não está má, seus palermas! Olhem o que dizem os jornaes, do Revd.º Padre Folga, assignante e amigo do «Progresso Catholico» desde o seu principio, e fiquem sabendo que são os missionarios que ainda fazem alguma cousa nas nossas terras de além mar.

Ora leiam:

«Este missionario partiu, por terra, de Santo Antonio do Congo, para o Ambriz.

Foi muito bem acolhido pelos principes dos povos por onde passou, e inclusiv pelo rei do Ambrizette, que dizem ser pouco amigo de Portugal e dos portuguezes. Pois este rei recebeu-o magnificamente, obrigando-o a demorar-se um dia no seu povo, obsequiando-o muito, e pedindo-lhe que mandasse para alli um padre.»

Não que, meus amigos, o monarcha do Ambrizette não é qualquer rabiscador de Barcellos!

E' moda em Portugal chamar mi-guelista a todos os amigos da Igreja, do Papa, do Coração de Jesus, etc., etc. e isto com o unico e *louvavel* fim

de metter a politica onde ella não está: Pois snrs. republicanos, de quem e além-Douro, se *Vossês* (na republica não ha tratamentos altos) são republicanos como os cidadãos da republica do Equador, nós desde já nos declaramos republicanos.

Vossês não tem noticias do Equador, nem sabem as festas nacionaes que alli se fazem ao SS. Coração de Jesus, ora pois não?

Então ahi vae o que os jornaes de lá, dizem:

«A 19 de Junho, sob proposta de varios senadores, sem um só protesto, o senado do Equador apresentou um voto de gratidão e louvor ao Coração Sacratissimo do Jesus padroeiro da Republica, resolvendo que no dia da festa, 21 de Junho, não haveria sessão, para assim adherirem á manifestação popular.

Na vespera da festa, á noite, Quito illuminou-se de um modo surpreendente, desde a humilde casinha do pobre até os mais bellos edificios publicos.

Por toda parte a musica marcial, a orchestra, córos religiosos se ouviam fazendo resoar hymnos de louvor ao Sagrado Coração. Mais de 50 mil pessoas percorriam as ruas, pela vez primeira insolitas de tamanha concurrencia. Milhares de familias vieram passar esse dia na Capital.

No dia 21 ao alvorecer, a cidade despertou ao troar dos canhões de artilharia. Uma multidão enorme, inumeravel, enchia todos os templos. O numero de communhões havidas foi superior mesmo ao do tempo de Paschoa, VEZ MIL, sendo mais de tres mil, de homens!!

O pavilhão nacional e as colchas, pavesavam todas as casas, bem como as grinaldas de flôres, os arcos, a verdura, estatuas e imagens do Sagrado Coração ornavam as ruas e praças, com inscrições sem numero em sua honra.

O povo expandia seus sentimentos religiosos na melhor ordem o harmonia possiveis.

A' uma hora abriu-se um grande congresso eucharistico nacional, onde se tratavam das principaes questões para o progresso da religião e da verdadeira civilisação na Republica. Foram tomadas todas as medidas para se realisar a lettra do Decreto da Assembléa Nacional de 29 de Fevereiro de 1884, que decidiu a creação de uma basilica ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da Republica do Equador.»

Ora snr. Magalhães Lima, apanho esta noticia republicana para o seu «Seculo», e diga lá tambem que o «Progresso Catholico» é republicano, n'uma republica assim. E assim e só

assim, seremos o que *vossês* quizerem, seus *sucios*.

Vão mal os interesses religiosos na Africa portugueza, e muito principalmente em Timor, d'onde nos dão, pessoas dedicadissimas pelas causas da Religião e da Patria, noticias pouco satisfatorias. Fenece a mingua de missionarios as nossas christandades africanas, apesar do zelo, da boa vontade e do amor pela dilatação do imperio da fé, manifestado por alguns missionarios que lá temos.

Raream cada dia as fileiras d'esses obreiros da civilização christã, e os nossos governos, afincados ao maldito lêmnia —percam-se as colonias, mas nada de frades, não tem com que preencher essas vagas, não tem soldados da Cruz que postar no sitio onde outros caem honrosa e heroicamente.

Quando deixarão os governos de Portugal, de ter medo ao habito monastico?

Quando terão compaixão dos nossos irmãos d'além-mar?

Vae se approximando o Natal, e então vamos desde já distribuindo alguns brindes aos espiritos illuminados, (sem ser com grizetas) para que não digam que não temos caridade com elles.

Os primeiros brindados vão ser os *foites espirits* que não creem nos milagres de Lourdes.

Tomem lá, recebam a offerta, e meditem, se podem e sabem; e não carecem dar nada ao creado.

Isto é tudo *gratis*.

«Ha pouco tempo certo medico que desde a juventude tinha abandonado as praticas religiosas, se dirigiu a Lourdes com o fim de se confirmar na creença de que nada de sobrenatural e miraculoso havia na Gruta. Levava uma commissão para um religioso, o qual o conduziu á Gruta. Apenas entrou n'ella foi tocado tão vivamente pela graça que cahiu de joelhos; e depois de 50 annos que nunca elevára o seu espirito a Deus, orou com fervor. O religioso levou-o a um altar que ha detraz da Gruta, e o medico tomando nas mãos um crucifixo e regando-o com as suas lagrimas, se confessou com os sentimentos da mais viva e terna fé.»

.....
Não ha de que, essa é boa! Se gostar ainda se lhe dará mais.

O nosso respeitavel collega de Coimbra—A «Ordem», encetou o 9.º anno da sua publicação no dia 26 de outubro passado, pelo que felicitamos a illustrada redacção, felicitando-nos a nós tambem por termos sempre a nosso lado tão valente companheiro.

A «Ordem» tem a idade do «Progresso Catholico»; é mais velha quatro dias apenas.

Vamos andando! Tambem as condecorações não devem ser só para vencedores de eleições, e para honras que vivem sem sacrificio á custa dos dinheiros publicos; uma vez por outra é necessario galardoar a virtude, o patriotismo, o sacrificio.

A lista seguinte que cortamos do «Diario do Governo», dá uma prova de que os nossos governantes vão conhecendo os serviços que á Religião e á Patria fazem os nossos Missionarios, e bom era que se desperdiçasse menos em brinquedos, e se custeassem melhor as nossas missões, e se creassem missionarios, frades; mas, ir-se-ha aos poucos.

Eis a lista:

Por decretos de 2 e 8 do presente mez, foram agraciados com a commenda da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, o Revd.º Presbytero Antonio José de Sousa Barroso, conego da Sé de Loanda, e chefe da missão de S. Salvador do Congo; e o Revd.º Presbytero João Gomes Ferreira, chefe da missão de Timor.

Com o grau de cavalleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo:

O Revd.º Presbytero José Antonio Fidalgo, missionario da provincia de Angola.

O Revd.º Presbytero José Maria Antunes, parochi de Huilla e chefe da respectiva missão.

O Revd.º Presbytero Sebastião Maria Apparicio da Silva, missionario de Timor.

O Revd.º Presbytero José Maria Pereira Folga, missionario da provincia de Angola.

Com o grau de Cavalleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa:

O Revd.º Presbytero Marcollino Marques de Barros, antigo missionario da provincia de Guiné e actual professor do Collegio das Missões ultramarinas.

Muito obrigado, snrs. ministros da corôa portugueza.

Dias ha que teve lugar a abertura d'um collegio na freguezia de Cerva, provincia de Traz-os-Montes.

Admitte alumnos internos e externos; aquelles, por aulas, casa e moza, pagam 10\$000 reis mensaes; estes, por instrucção primaria, elementar e complementar, 500 reis por mez; por qualquer disciplina de preparatorios 1\$000 reis.

Ha no collegio tambem aula de musica.

O desejo de fazer bem á sociedade, o amor do progresso das letras patrias e a dedicacão ás crencas de nossos paes, foram os fortes estimulos que induziram tres jovens, que ainda ha pouco largaram os bancos das escolas, a incumbirem da espinhosa e ardua tarefa da educação da mocidade.

Empreza é esta que, como todas as do seu genero, exige, além da coadjuvancão dos bons e illustrados paes de familia, muita resignação, sacrificios e força de vontade da parte dos que, ainda que tomerariamente, se collocam á frente d'ella.

A modicidade dos preços, o bom tratamento, a situação vistosa e hygienica do edificio, o esmerado cuidado que emprega o corpo docente, devem ser garantias seguras á confiança que os chefes de familia se dignem depositar na direcção do collegio.

J. de Freitas.

SECÇÃO NECROLOGICA



Beati mortui, qui in Domino moriuntur

MAIS uma campã se abriu!... Mais um nome se riscou no livro da vida!...

O Rev.º Antonio de Souza Mocho, já não existe!...

A cruel parca da morte cortou-lhe os já debeis fios da existencia no dia 25 d'outubro proximo passado.

Foi um exemplarissimo Padre, um bom cidadão, um modelo de caridade.

Hoje o orphão e a viuva o desvalido e o rico, todos lamentam a sua falta; junto ao cenotaphio todos sem excepção derramarão copioso pranto, os ricos lamentando a falta do verdadeiro amigo, o desvalido, o orphão, e a viuva lamentando a falta do seu bemfeitor e desvelado protector. E' que o Padre Antonio de Souza Mocho, não tinha um inimigo: com o exemplo e com a sua chistosa e conceituosa conversação cativava todos os corações.

Permitam-me, pois, que eu, como amigo o parento do finado, desfolhe sobre a sua campã, algumas perpetuas e saudades, podendo aos leitores do «Progresso Catholico», de que elle era assignante; orem a Deus pela sua alma.

A. M.